

# Apresentação

## N. 25 (vol.18)

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-88372518>

A literatura em língua alemã é frequentemente confundida com a ideia de uma literatura alemã *tout court*, desconsiderando-se assim a especificidade da produção literária austríaca e suíça e, eventualmente, de uma literatura também escrita em alemão, mas elaborada fora do contexto territorial desses três países. Este número da revista *Pandaemonium Germanicum* reflete de alguma maneira esse universo maior da germanofonia.

Na seção de literatura, o artigo de Helmut GOLLNER, “Sobre a identidade literária austríaca”, introduz algumas das principais linhas de força da literatura austríaca, salientando as diferenças históricas que lastreiam uma formação que passa ao largo da reforma protestante, da *Aufklärung* e do Romantismo, ao mesmo tempo que é profundamente marcada por uma investigação psicológica de matriz local, que redundou, por exemplo, na literatura de Arthur Schnitzler.

Em “Georg Trakl: um romântico em tempo de guerra”, Laura MOOSBURGER analisa três poemas do escritor expressionista austríaco, cuja obra é caracterizada por uma peculiar apropriação do Romantismo, filtrado pelo profundo desencanto com sua época e conduzido a uma expressão sombria da existência, já antes da guerra que viria a selar o destino literário e pessoal do jovem poeta.

A moderna crítica literária tem na “filosofia da caracterização”, de Friedrich Schlegel, um de seus momentos inaugurais. Constantino Luz de MEDEIROS expõe em “Caracterização: a obra de arte crítico-literária” a proposta de Schlegel para a constituição de uma crítica de arte intimamente articulada à própria obra de arte. Medeiros analisa as formulações de Schlegel apresentadas em seus *Fragmentos sobre a poesia e a literatura* para verificar sua concretização no ensaio do romântico alemão sobre *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, romance de Goethe.

Transitando num terreno relacionado também à pesquisa tradutológica, Georg OTTE observa em “Walter Benjamins Umgang mit der Schrift” a constituição de um determinado jargão na obra do pensador alemão. Trata-se, de acordo com Otte, de um processo de conceituação muito particular, desenvolvido em função da primeira

recepção da obra. Benjamin cria um estilo em que a *repetição* se torna uma peça-chave de seu pensamento. Daí a constatação de que a tradução da obra benjaminiana, por uma questão de estilo e fluência, incorre frequentemente no erro de quebrar essa cadeia de reiteraões, fazendo ruir a proposta original do texto.

“A imagem da Ásia em *Der gelbe Bleistift*, de Christian Kracht“, artigo de Rosita SCHMITZ, aborda uma coleção de reportagens do autor suíço, situando-as no quadro da já longa tradição dos relatos de viagem, que gozaram de grande popularidade no século XIX. Ocorre que o olhar europeu sobre a Ásia e sobre o mundo globalizado mudou radicalmente desde então, levando o autor a assumir novas estratégias para seu trabalho jornalístico e ficcional, como demonstra a articulista.

Na seção de tradução, o campo ampliado da germanofonia também deixa sua marca neste número da revista. Paulo OLIVEIRA, enfatiza em “Translation, Sprache und Wahrnehmung” o papel desempenhado por Wittgenstein, pensador austríaco que desenvolveu uma original filosofia da linguagem que, associada à hermenêutica, oferece uma “alternativa à dicotomia entre a perspectiva essencialista tradicional e o relativismo pós-moderno”, assegurando assim uma compreensão abrangente das diferentes camadas do trabalho teórico subjacente a toda tradução.

É também de tradução que trata Christiane QUANDT, no artigo “(Un-)Sichtbare Übersetzungen? Übersetzungsstrategien bei Erzählungen von Clarice Lispector”. Quandt chama a atenção para o viés (necessariamente) interpretativo presente no trabalho de dois importantes tradutores alemães. Um grande número de passagens colhidas das traduções de ambos revela o quanto o resultado final desse trabalho está condicionado e orientado por um ponto de vista assumido, consciente ou inconscientemente, pelos tradutores.

Na seção de Língua e Linguística, Camila BERNARDINO exhibe os principais resultados de sua dissertação de mestrado, na qual analisa a rede polissêmica da preposição *über*, apoiando-se em um arcabouço teórico oriundo da semântica cognitiva. Seu artigo “A rede polissêmica da preposição alemã *über*: principais ocorrências de uma análise com base na semântica cognitiva” apresenta os significados mais produtivos dessa preposição muito frequente em língua alemã, os quais foram identificados com base em um corpus empírico.

Érica Schlude WELS, por sua vez, critica em seu trabalho “Entre a Transmissão e a Transferência: implicações éticas, pedagógicas e psicanalíticas da relação mestre-

aprendiz no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras” o tradicional foco didático-metodológico na investigação da sala de aula de língua estrangeira. A autora defende a importância de se considerar conceitos psicanalíticos como transferência, sublimação e pulsão na descrição e explicação dos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Esta edição da revista traz duas resenhas. *Viagem ao Harz*, de Heinrich Heine (Trad. Maurício Cardozo. São Paulo: Editora 34, 2014) é resenhada por Gabriel ALONSO GUIMARÃES e Susana KAMPPFF LAGES. Heike MURANYI resenha o livro *German literature as world literature*, organizado por Thomas O. Beebee (New York; London: Bloomsbury, 2014).

A partir desse número 25, nossa companheira de equipe, Masa Nomura, despede-se do grupo de editores por questões familiares. Masa participou da revista desde sua fundação, em 1997, e, mesmo após sua aposentadoria, em 2009, contribuiu de forma efetiva como uma das editoras da Pandaemonium. Masa Nomura merece toda a nossa reverência e gratidão pelo alto nível intelectual de sua colaboração e pelos gestos de solidariedade e compromisso com a revista e suas metas. Todos os que conhecem sua dedicação e trabalho só podem lhe dizer: muito obrigado.

*Tercio Redondo,  
Dörthe Uphoff*